

BAIXOU O SANTO NA NOIVA DO ISAAC

O Isaac era um jovem médico, bastante promissor na profissão. Os doutores mais antigos e de maior prestígio no HUPE tinham-no como uma revelação da prática médica. Era requisitado por todos eles para acompanhar seus pacientes, em geral os mais abastados. Sua carreira parecia brilhar para o futuro. A sua vida social imiscuía-se pelos salões mais sofisticados e ricos da cidade. Era, além de tudo, considerado um bom partido para se casar com alguma burguesa dessas castas.

Noemi era uma delas. A família riquíssima, ela belíssima e os pais esperando que alguém talentoso como o Isaac se decidisse por ela. Eles começaram a namorar, o que foi muito apreciado pela família dela. Já a família dele não frequentava aqueles ambientes. Eram pobres para os padrões da Noemi. Ela os tratava polidamente, mas sem qualquer maior aproximação. Isaac percebia, mas não procurava superar o fato, aceitava realisticamente.

O romance dos dois se desenvolveu e eles já haviam se conhecido sexualmente. Estava tudo nos eixos e os dois alimentavam ideias matrimoniais.

Pois, foi num desses encontros carnais, no apartamento privado da Noemi, como já ocorrera várias vezes, que durante o ato sexual, quase atingindo o seu clímax, o Isaac percebeu algo diferente do usual que estava errado, muito errado.

Noemi parecia convulsionar-se fortemente e emitia sons estranhos, a tal ponto que Isaac interrompeu sua função e perguntou preocupado:

- Noemi, está tudo bem?

Uma voz soturna saiu da boca da Noemi, respondendo

- Ah! Misifio 'tá gostando, né? Do rebolado da cabocla. – E soltava gargalhadas, assobios e sons grotescos.

- Pois continua, misifio, aproveta a cabocla.

Isaac ficou assustadíssimo. e nas suas próprias palavras:

- Eu broxei na hora. Nunca tinha visto a Noemi daquele jeito. Ela revirava os olhos e me atacava com uma lascívia incomum. Tive dificuldades em me livrar dela. Daí ela ficou agressiva, me xingava e começou a derrubar as coisas, cadeiras, louças, roupas. Eu apenas pedia que se acalmasse, mas em vão. Ela estava cada vez mais furiosa. Então eu saí do quarto e tranquei-a lá. Lembrei-me que ela tinha uma amiga que sempre estava com ela. Achei sua bolsa na sala e vasculhei o conteúdo. Achei um caderno de endereços com o telefone da Íris, sua amiga. Quando lhe contei o que estava ocorrendo ela respondeu num tom meio desanimado:

- Ih! Foi a Pombagira que baixou. Vixe Maria.

- Como assim? O que é preciso fazer? Devo chamar uma ambulância?

- Não! Nunca! Precisamos da "Mãe Dulcelina". Só ela sabe retirar a entidade da Noemi.

Já fez isso várias vezes.

- Então isso já aconteceu outras vezes?

- Ah. A Noemi é uma "médium", frequenta o terreiro da "mãe Dulcelina há anos.

- E então, o que faço?

- Fica com ela aí, tenta acalmá-la. Dê-lhe de comer, doces principalmente. Eu vou atrás da Mãe Dulcelina.

- Isto vai demorar?

Ela desligou. Fiquei uns minutos em pânico, calado, pensando no que fazer. Ligar para a família? Para uma emergência psiquiátrica? Enquanto isso, Noemi se agitava novamente e lançava pela janela do quarto vários objetos e gritava. Temi que ela se jogasse no auge do delírio, ademais já chamava a atenção dos vizinhos. Decidi falar com ela. Parecia que surtira efeito.

- Noemi, tudo bem. É o Isaac.

- Me tira daqui seu traste!

- Ok. Eu abro a porta, mas só se você me prometer se comportar. OK?

- Suncê tá seguro.

Eu abri a porta com calma e via Noemi, transtornada, com um olhar ensandecido, nua, na cama em meio a um quarto semidestruído.

- Noemi, querida. A sua amiga Íris, lembra? Está vindo aí com a Mãe Dulcelina. Já deve estar chegando.

Parecia que se acalmava. Lembrei-me dos doces e achei na geladeira uma goiabada à qual cortei em pedaços e ofereci a ela. Surtiu efeito. Enquanto comia parou de se agitar. Aproveitei a pausa e liguei para um amigo psiquiatra e combinamos que ele traria tranquilizantes. Quando ela parecia mais calma, tomou-se de incontrolável luxúria e como só ela sabia fazer, envolveu-me em suas carícias. Eu, talvez seduzido por sua figura e ainda incrédulo no que acontecia, considerei aquela atitude como um sinal de melhora e cedi aos seus desejos. Não posso reclamar dos resultados, mas em seguida ela voltou à antiga agressividade e rodopiando pela casa ia destruindo tudo que via. Eu tentava contê-la sem usar de força, mas não evitei que quebrasse muita coisa. Então, a campainha da porta tocou. Eu me precipitei para ela e nem pensei em ver como estava. Era a Iris com a Mãe Dulcelina que me viram totalmente nu abrindo a porta e exclamando "Graças a Deus". Logo em seguida chegou meu amigo com uma maleta repleta de tranquilizantes. A mãe Dulcelina com alguns passes retirou a famigerada entidade que possuía a Noemi. Independentemente da mandinga, apliquei-lhe um potente sedativo que a manteria quieta por horas. Paguei generosamente a Mãe Dulcelina e combinei com a Iris que ela ficaria com a amiga e me mandei dali.

Nunca mais falei com a Noemi e desisti de clinicar para bacanas.